

FH apareceu como o mais preparado

ILIMAR FRANCO

BRASÍLIA – A crise financeira internacional, que recrudesceu no final de agosto com a moratória da Rússia, foi o momento mais dramático da campanha do presidente Fernando Henrique Cardoso. As bolsas no Brasil despencaram e houve uma corrida dos investidores para tirar dólares do país. A situação na noite do dia 10 de setembro, quando o Banco Central anunciou o aumento da taxa de juros de 29% para 49,75% ao ano. Fernando Henrique havia dito pela manhã que os juros não subiriam.

Na manhã seguinte, Fernando Henrique reuniu-se no Palácio da Alvorada com os coordenadores de sua campanha, Eduardo Jorge Caldas e Euclides Scalco, e o publicitário Nizan Guanaes. Decidiu-se que no programa eleitoral do sábado a medida seria justificada como imperiosa para a defesa do real.

Havia o temor de que a crise provocasse uma queda na popularidade do presidente, como ocorrera nos meses de maio e junho. Nesses dois meses, fatos adversos tinham arranhado a imagem do governo. Os preços do arroz e do feijão subiram. O salário mínimo foi reajustado de R\$ 120 para R\$ 130,00 e a seca expôs a miséria do Nordeste. Para complicar, no dia 11 de maio, Fernando Henrique chamou de “vaga-

bundos” os que se aposentam com menos de 50 anos.

A crise não produziu, entretanto, o desastre que se temia. “A crise forçou a imagem de que Fernando Henrique é o mais preparado para governar o país”, disse Euclides Scalco. O cientista político Antonio Lavareda, do instituto MCI, havia previsto, com base numa pesquisa qualitativa feita em 22 estados, que a eclosão de uma crise durante a campanha relocalizaria o real e a estabilidade no centro do debate. Foi o que aconteceu.

Apesar de toda a sustentação em pesquisas, a campanha colecionou alguns equívocos. Quando o publicitário Nizan Guanaes definiu a filosofia da propaganda de TV, sua intenção era fazer um programa que defendesse o governo em seu flanco mais vulnerável: o desemprego.

A intervenção de Eduardo Jorge, do ministro da Educação, Paulo Renato Souza, e do secretário geral da Presidência, Eduardo Graeff, reformulou a linha do programa, que passou a destacar ações de governo com o objetivo de vender esperança aos eleitores.

Em alguns momentos houve desvios, como o do programa exibido em 3 de setembro, muitas criticado pelo comando da campanha. Pela manhã, Fernando Henrique havia anunciado seu programa de governo, mas a TV acabou privilegiando a reprise de cenas da campanha de 1994 em que o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, de seu vice, Leonel Brizola, do PDT, criticavam o Plano Real. “Toda vez em que se falava mal do Lula a avaliação era negativa”, contou um integrante do comando da campanha.